

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA GERAL

Biblioteca do Palácio Apostólico

Quarta-feira, 7 de abril de 2021

[[Multimídia](#)]

---

Catequese - 28. Rezar em comunhão com os santos

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje gostaria de me concentrar no nexo entre a oração e a comunhão dos santos. Na verdade, quando rezamos, nunca o fazemos sozinhos: mesmo que não pensemos nisso, estamos imersos num majestoso rio de invocações que nos precede e continua depois de nós.

Nas orações que encontramos na Bíblia, e que muitas vezes ressoam na liturgia, há um vestígio de histórias antigas, de libertações prodigiosas, de deportações e tristes exílios, de regressos comovedores, de louvores que fluem perante as maravilhas da criação... E assim estas vozes são transmitidas de geração em geração, num entrelaçamento contínuo entre a experiência pessoal, a do povo e a da humanidade à qual pertencemos. Ninguém se pode desligar da própria história, da história do seu povo; temos sempre esta herança nos nossos hábitos e também na nossa oração. Na oração de louvor, especialmente na que floresce no coração dos pequeninos e dos humildes, algo ecoa do cântico do Magnificat que Maria elevou a Deus perante a sua parenta Isabel; ou da exclamação do velho Simeão que, pegando no colo o Menino Jesus, disse: «Agora, Senhor, deixai ir em paz o vosso servo, segundo a vossa palavra» (Lc 2, 29).

As orações – as boas – são “difusivas”, difundem-se continuamente, com ou sem mensagens nas “redes sociais”: das enfermarias dos hospitais, dos momentos de encontro festivo, bem como daqueles em que se sofre em silêncio... A dor de cada um é a dor de todos, e a felicidade de uns é transferida para a alma de outros. A dor e a felicidade fazem parte da mesma história: são histórias que se tornam história na própria vida. Revive-se a história com as próprias palavras, mas a experiência é a mesma.

As orações renascem sempre: cada vez que damos as mãos e abrimos o coração a Deus, encontramos-nos numa companhia de santos anónimos e de santos reconhecidos que rezam connosco, e que intercedem por nós, como irmãos e irmãs mais velhos que passaram pela nossa mesma aventura humana. Na Igreja não há luto que permaneça solitário, não há lágrima que se verte no esquecimento, porque tudo respira e participa de uma graça comum. Não era ocasional que nas igrejas antigas as sepulturas estivessem no jardim em redor do edifício sagrado, como que a indicar que em cada Eucaristia participam de certa forma aqueles que nos precederam. Há os nossos pais e os nossos avós, há os padrinhos e madrinhas, há os catequistas e os outros

educadores... Essa fé passada, transmitida, que recebemos: com a fé também se transmitiu a forma de rezar, a oração.

Os santos ainda estão aqui, não distantes de nós; e as suas representações nas igrejas evocam aquela “nuvem de testemunhas” que nos rodeia sempre (cf. Hb 12, 1). Ouvimos no início a leitura do trecho da Carta aos Hebreus. São testemunhas que não adoramos – bem entendido, não adoramos estes santos – mas que veneramos e que de mil maneiras diferentes nos remetem para Jesus Cristo, o único Senhor e Mediador entre Deus e o homem. Um santo que não vos recorda Jesus Cristo não é um santo, nem sequer um cristão. O Santo faz-nos lembrar Jesus Cristo porque percorreu o caminho da vida como cristão. Os Santos recordam-nos que também nas nossas vidas, embora fracas e marcadas pelo pecado, a santidade pode florescer. Nos Evangelhos lemos que o primeiro santo “canonizado” foi um ladrão e “canonizado” não por um Papa, mas pelo próprio Jesus. A santidade é um percurso de vida, de encontro com Jesus, seja longo ou curto, seja num instante, mas é sempre um testemunho. Um santo é o testemunho de um homem ou de uma mulher que conheceu Jesus e que seguiu Jesus. Nunca é demasiado tarde para se converter ao Senhor, que é bom e grande no amor (cf. Sl 102, 8).

O Catecismo explica que os santos «contemplam a Deus, louvam-n'O e não cessam de tomar a seu cuidado os que deixaram na terra. [...] A sua intercessão é o mais alto serviço que prestam ao desígnio de Deus. Podemos e devemos pedir-lhes que intercedam por nós e por todo o mundo» (CIC, 2683). Em Cristo existe uma misteriosa solidariedade entre aqueles que passaram para a outra vida e nós, peregrinos nesta: os nossos queridos defuntos, do Céu, continuam a cuidar de nós. Eles rezam por nós e nós rezamos por eles, e oramos com eles.

Este nexos de oração entre nós e os Santos, ou seja, entre nós e as pessoas que chegaram à plenitude da vida, este laço de oração já o experimentamos aqui, na vida terrena: rezamos uns pelos outros, pedimos e oferecemos orações... A primeira forma de rezar por alguém é falar com Deus sobre ele ou ela. Se o fizermos frequentemente, todos os dias, o nosso coração não se fecha, permanece aberto aos irmãos. Rezar pelos outros é a primeira forma de os amar, e impele-nos à proximidade concreta. Mesmo nos momentos de conflito, uma forma de o dissolver, de o suavizar, é rezar pela pessoa com quem estou em conflito. E algo muda com a oração. A primeira coisa que muda é o meu coração, a minha atitude. O Senhor muda-o para tornar possível um encontro, um novo encontro, e evitar que o conflito se torne uma guerra sem fim.

O primeiro modo de enfrentar um tempo de angústia é pedir aos irmãos, aos santos acima de tudo, que rezem por nós. O nome que nos é dado no Batismo não é uma etiqueta nem um ornamento! É normalmente o nome da Virgem, de um Santo ou de uma Santa, os quais gostariam de nos “dar uma ajuda” na vida, de nos auxiliar para obtermos de Deus as graças de que mais precisamos. Se na nossa vida as provações não superaram o cume, se ainda somos capazes de perseverança, se apesar de tudo continuamos com confiança, talvez tudo isto, mais do que aos nossos méritos, o devemos à intercessão de muitos santos, alguns no Céu, outros peregrinos como nós na terra, que nos protegerem e acompanharam porque todos sabemos que aqui na terra há pessoas santas, homens e mulheres santos que vivem em santidade. Eles não o sabem, nós também não o sabemos, mas há santos, santos de todos os dias, santos escondidos ou ,como eu gosto de dizer, os “santos da porta ao lado”, aqueles que vivem connosco, que trabalham connosco, e levam uma vida de santidade.

Abençoado seja Jesus Cristo, o único Salvador do mundo, juntamente com este imenso florescimento de santos e santas que povoam a terra e que fizeram da sua vida um louvor a Deus.

Pois – como afirmava São Basílio – «para o Espírito, o santo é uma morada particularmente adequada, uma vez que se oferece para habitar com Deus e é chamado seu templo» (Liber de Spiritu Sancto, 26, 62: PG 32, 184A; cf. CIC, 2684).